



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RODRIGO PRATA MENDES

**UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS SUBJETIVOS DE PSICOTERAPEUTAS FRENTE ÀS
MUDANÇAS DE CONTEXTO PROFISSIONAL DURANTE A QUARENTENA:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS PARA A PRÁTICA PROFISSIONAL**

BRASÍLIA

2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RODRIGO PRATA MENDES

**UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS SUBJETIVOS DE PSICOTERAPEUTAS FRENTE ÀS
MUDANÇAS DE CONTEXTO PROFISSIONAL DURANTE A QUARENTENA:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS PARA A PRÁTICA PROFISSIONAL**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Valéria Deusdara Mori

BRASÍLIA

2021

RESUMO

O presente estudo reflete sobre as dificuldades da atuação dos psicoterapeutas durante a pandemia da covid-19 e as novas perspectivas e desafios futuros para a profissão. Isso foi realizado através da Teoria da Subjetividade, em um viés cultural-histórico. A pesquisa foi elaborada a partir do método construtivo-interpretativo e contou com a participação voluntária de três psicólogos, cujo tempo de atuação de uma era mais longo enquanto que os outros dois eram recém-formados. Foi discutida a transição da clínica presencial para a clínica online, as mudanças no processo psicoterapêutico, a vacinação dos profissionais de saúde e como o contexto pandêmico alterou as perspectivas dos pacientes e dos terapeutas a respeito da psicoterapia. Percebeu-se que o caráter dialógico e o auxílio da tecnologia na comunicação à distância viabilizam o atendimento psicológico online e ampliam seu alcance. Assim, essa modalidade da prática pode beneficiar o processo psicoterapêutico de diversas formas, constituindo uma nova maneira de responder às necessidades da pessoa em psicoterapia. Por conseguinte, nos últimos anos, com o surgimento de novos recursos, houve uma crescente mudança na visão dos psicoterapeutas quanto ao emprego da internet no auxílio dos serviços psicológicos e na possível realização do atendimento virtual. Fez-se necessário, apesar disso, o compromisso ético dos psicólogos nos serviços online e, portanto, uma regulamentação por parte do Conselho Federal de Psicologia, a fim de garantir a ética e orientar os trabalhos prestados. As dificuldades nesse acompanhamento psicoterapêutico variam quanto à plataforma utilizada, mas deve-se considerar que muitas são novas e diferentes do formato habitual de prática da psicoterapia - ainda mais diante de um cenário pandêmico. Logo, o próprio profissional deve ser capaz de avaliar suas competências para atender nesse formato. Ademais, devido à pandemia da Covid-19, essa modalidade de terapia se tornou a principal de muitos profissionais e requereu ajustes em sua regulamentação. Os desafios encontrados para os profissionais de saúde, nesse momento, são inúmeros e necessitam de ser investigados, visto que a terapia online é considerada uma realidade do presente e do futuro da profissão - não incorrendo, porém, no fim da presencial.

Palavras-chave: subjetividade; psicoterapia; perspectivas; pandemia; desafios.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 PROFISSIONAIS DE SAÚDE E A EMERGÊNCIA DA COVID-19: UM OLHAR PARA O PAPEL DA PSICOLOGIA	9
2.2 DESAFIOS E NOVAS PERSPECTIVAS PARA OS PSICOTERAPEUTAS	12
3. MÉTODO	14
3.1. OBJETO DE ESTUDO	16
3.2. PARTICIPANTES E CENÁRIO SOCIAL DE PESQUISA	16
3.3. INSTRUMENTO	16
3.4. PROCEDIMENTOS	17
3.5. ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DE INFORMAÇÕES	17
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
4.1. A PSICÓLOGA JANAÍNA	18
4.2. A PSICÓLOGA BEATRIZ	25
4.3. O PSICÓLOGO VINÍCIUS	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
6. REFERÊNCIAS	38
ANEXOS	41

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está inserida nos estudos relacionados à psicoterapia e à Teoria da Subjetividade e contou com a participação voluntária de três psicólogos clínicos. A partir da Epistemologia Qualitativa de González Rey, produzimos uma análise acerca das subjetividades dos psicoterapeutas no cenário pandêmico e refletimos sobre as possibilidades de atuação a partir da terapia online.

Dessarte, tem-se que a pandemia do novo coronavírus (covid-19) marcou o cenário mundial de 2020 e 2021 e teve, como estratégias a seu enfrentamento e prevenção, a quarentena. Ela foi realizada em diversos países, inclusive no Brasil, o que trouxe modificações na construção social de todo o mundo, alterando a dinâmica das relações interpessoais e da comunicação. Essa proposta de quarentena acelerou as mudanças no formato de psicoterapia, pois muitos profissionais e pessoas em psicoterapia ainda não tinham contato com o atendimento online e, pelo isolamento social, encontraram nos meios de comunicação uma alternativa para as suas sessões. Isso permitiu, aos psicoterapeutas, se adaptarem e se descobrirem nessa prática, visualizando novas formas de realizar o trabalho. Muitos, mesmo após o período de quarentena e de restrições mais severas, continuaram com atendimentos dessa maneira por diversas razões, como exposto nas pesquisas de Bell, Crabtree, Hall & Sandage (2021) e de McLean et. al. (2021).

Posto isso, é possível perceber que a internet se configura, cada vez mais, como parte da vida das pessoas, tanto a pessoal quanto a profissional. Na ótica da teoria da subjetividade proposta por González Rey, a subjetividade é constituída por dois sistemas: subjetividade individual e subjetividade social. Dessa forma, na prática da psicoterapia esses dois sistemas se constituem e expressam as diferentes formas de configuração da subjetividade como processo. Não separamos o que vivemos individualmente da forma como uma sociedade concreta se expressa nos seus diferentes níveis. Conseqüentemente, a discussão a respeito do uso da internet para a prática da psicoterapia é cada vez mais elencada. Diante do exposto, apesar do assunto não ser uma discussão tão recente, ainda há muito o que ser debatido na área, especialmente no Brasil.

Por conseguinte, a fim de orientar os trabalhos prestados e regularizar a psicoterapia online no Brasil, o tema vem sendo pautado no âmbito nacional pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), que propôs a Resolução nº11/2018, que prevê a prestação de serviços psicológicos por meios de comunicação e de informação desde que cumpram as exigências do Código de Ética Profissional (Conselho Federal de Psicologia, 2018), como a realização de um trabalho de qualidade e a manutenção do sigilo. Com o advento da pandemia da covid-19, todavia, alguns artigos foram alterados temporariamente pela Resolução nº 04/2020 , principalmente no que tange ao credenciamento prévio do profissional para o atendimento online e no acolhimento à distância de pessoas em situações emergenciais ou de violência (Conselho Federal de Psicologia, 2020).

Pensando, portanto, na validação da terapia à distância, Fink (2017) teoriza sobre a análise por telefone. Ela apresenta desafios quanto ao funcionamento do aparelho, da linha telefônica, das interferências, das interrupções indesejadas e, inclusive, de possíveis erros de conexão. Assim, o analista deve atentar-se ainda mais para as manifestações do paciente, seja a maneira de respirar, o tom de voz, as pausas na fala. O autor argumenta que a análise por telefone apresenta, também, seus benefícios e que a presença física do analista não deve ser um fator determinante da análise, sendo este a escuta: o profissional e o paciente devem ser capazes de se escutar, visto que, para ele, é a escuta do modo e da própria fala desse paciente que permite a execução da análise.

Nessa mesma lógica, com base na teoria da subjetividade, o diálogo é o que propicia ao indivíduo se tornar sujeito de sua própria experiência e possibilitar novas reflexões sobre sua vida (González Rey, Goulart, & Bezerra, 2016), se expressando pela forma como seus participantes se engajam em processo de relação. Esse engajamento possibilita a emergência de processos subjetivos diversos que podem levar a produções subjetivas alternativas e facilitadoras de outros processos (Mori, 2019), o que é o papel central da psicoterapia. Com isso, a partir do enfoque cultural histórico e sua compreensão a respeito da prática clínica, o atendimento psicológico à distância, aliado à tecnologia, se tornaria uma realidade possível. Desta maneira, o assunto vem sendo abordado por teóricos contemporâneos, como Fink (2017) e Ceroni (2017), sob a perspectiva de que o novo formato da prática pode beneficiar o processo psicoterapêutico de diversas formas, constituindo uma nova maneira de responder

às necessidades da pessoa em psicoterapia - principalmente diante do nosso contexto de isolamento social.

Todavia, as dificuldades nesse acompanhamento psicoterapêutico variam quanto à plataforma utilizada e deve-se considerar que muitas são novas e diferentes do formato presencial de prática da psicoterapia. Ceroni (2017), ressalta que os desafios encontrados pelos profissionais de psicologia foram inúmeros: problemas técnicos relacionados à conexão de internet e à plataforma utilizada; inseguranças sobre a transformação do *setting* e o sigilo; e novas constituições da conduta do terapeuta e do paciente. Outrossim, no contexto pandêmico atual, juntamente dos fatores levantados pelo autor em 2017, neste momento, o estado de calamidade pública e as instabilidades social e econômica do Brasil também são questões de enfrentamento para os psicoterapeutas.

Ademais, na visão da psicoterapia pautada na dialogicidade e no engajamento de ambas as partes, compreendemos que a prática psicoterápica também mobiliza diferentes a construção de novos sentidos subjetivos do psicólogo, de forma que seu trabalho não está desarticulado da sua história pessoal, como relata Mori (2019). Portanto, a nossa pesquisa objetivou compreender diferentes processos subjetivos de psicoterapeutas no formato de psicoterapia online em razão da quarentena por covid-19, além de discutir diferentes representações da prática profissional em psicologia e seus desdobramentos na psicoterapia online e compreender os limites e possibilidades da psicoterapia online e sua configuração como processo subjetivo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito de subjetividade aqui mencionado, como definido por González Rey (2019, p. 33), “representa uma nova definição ontológica dos processos e fenômenos humanos que fazem possível a existência cultural do homem, que se formam e se desenvolvem na cultura, sendo responsáveis também pelas mudanças cada vez mais aceleradas da própria cultura”. Isto é, entendemos que a noção de subjetividade se constitui tanto de forma individual, quanto social, articulando-se e integrando-se permanentemente (Mitjás Martínez, 2020). Consequentemente, ao falarmos do processo psicoterapêutico durante a pandemia, devemos considerar o modo como a sociedade brasileira e os próprios psicoterapeutas visualizam a prática psicoterápica e o *setting* terapêutico antes e durante a epidemia de coronavírus.

Destarte, para entender essas vivências durante o período de quarentena, é também preciso entender o impacto do coronavírus na sociedade brasileira. O vírus da covid-19 (2019), é de alto contágio e segue se disseminando de pessoa para pessoa. Os sintomas variam e, apesar de 80% dos pacientes apresentarem quadros mais brandos, cerca de 20% requer atendimento hospitalar e alguns, inclusive, suporte ventilatório (Ministério da Saúde, 2020). Diante da gravidade de tal pandemia, muitos governos decretaram períodos de quarentena (isolamento social) em uma tentativa de reduzir e atenuar os casos de covid-19.

No Brasil, as medidas de prevenção, além do isolamento social, se constituíram no uso obrigatório de máscaras na maioria dos estabelecimentos públicos e na restrição de eventos com aglomerações de pessoas. Todas essas mudanças afetaram não só a vida pessoal dos indivíduos, mas também as diferentes categorias profissionais. O mercado de trabalho tomou outro formato e novas tecnologias se incorporaram à rotina profissional de muitos brasileiros. Dentre essas categorias afetadas, foram abarcados os profissionais de saúde.

Os tópicos que apresento a seguir se constituem nas bases teórico-conceituais que orientam a elaboração desta pesquisa. Esta apresentação foi dividida em dois eixos principais: (i) profissionais de saúde e a emergência da covid-19: um olhar para o papel da Psicologia; e (ii) desafios e novas perspectivas para os psicoterapeutas.

2.1 PROFISSIONAIS DE SAÚDE E A EMERGÊNCIA DA COVID-19: UM OLHAR PARA O PAPEL DA PSICOLOGIA

Com o cenário pandêmico e a consequente superlotação dos hospitais e postos de saúde, muitos profissionais da área se encontraram sob grande estresse. É o que diz uma pesquisa realizada com enfermeiros e médicos chineses no início dessa epidemia (Liu, et al., 2020). De acordo com os autores, foi evidenciado que esses profissionais sofreram uma exaustão física e emocional diante do trabalho excessivo e que, além do medo do próprio contágio, seu humor ainda variava conforme o nível de saúde dos pacientes e suas melhoras ou não. Porém, pôde-se verificar um alto índice de resiliência desses trabalhadores, visto que utilizaram de diferentes estratégias para lidar com tamanhas adversidades, tanto no trabalho, quanto emocionais (Liu, et al., 2020).

Isso é possível notar, também, em um outro estudo realizado na China com enfermeiros que trabalhavam diretamente com pacientes com Covid-19 (Sun, et al., 2020). Conforme discutido na pesquisa fenomenológica, foram percebidos quatro grandes manifestações psicológicas e emocionais dos profissionais inseridos nesse contexto. Em um primeiro momento, fortes emoções negativas, devido ao intenso trabalho, ao medo da infecção e à preocupação com os pacientes, à falta de conhecimento sobre o vírus e às mudanças no ambiente de trabalho, a preocupações bidirecionais com os membros de suas próprias famílias. Em outro instante, conseguiu-se observar mais recursos subjetivos com relação ao autocuidado e às maneiras de lidarem com a situação, como adaptações na rotina de vida, ajustamento cognitivo e psicológico para um enfrentamento mais racional, apoio e trabalho de equipe. Além disso, houve um crescimento sob essa pressão, com um maior senso de responsabilidade e identidade profissionais, autorreflexões e um aumento de sentimentos de gratidão e afeição.

Ademais, verificou-se que diferentes emoções ocorriam simultaneamente ou progressivamente, na medida em que, mesmo diante do estresse, passaram a confiar mais no ambiente médico, no apoio governamental e em suas próprias habilidades na autoproteção e autopreservação, o que os fez sentir mais calma no trabalho e com os pacientes e mais felicidade com o apoio social e os recursos fornecidos (Sun, et al., 2020). Diante disso, é inevitável inferir que a subjetividade do profissional de saúde abrange e impacta no tratamento dos pacientes e na própria relação entre eles, ainda mais em contextos emergenciais.

Há de se considerar, portanto, devido ao cenário pandêmico que acarreta estresse, mudanças e sofrimento psíquico, o papel dos profissionais de psicologia e, inclusive, como eles estão vivenciando esse período. Com o distanciamento social e as medidas de segurança relacionadas à contaminação, a melhor alternativa para a prestação de serviços psicológicos em geral se deu pela utilização de meios tecnológicos e pela internet. No país, porém, essa prática foi reconhecida recentemente. Até o ano de 2005, o Conselho Federal de Psicologia, em sua Resolução nº 12, afirmava que a prática psicoterápica pelo computador não tinha sua eficácia suficiente e cientificamente comprovada (Conselho Federal de Psicologia, 2005). Com o avanço da tecnologia, essa resolução foi revogada pela Resolução nº 11/2012, quando o CFP

regulamentou esses serviços de forma experimental, para fins de pesquisa e com um número máximo de sessões (Conselho Federal de Psicologia, 2012).

Contudo, somente em 2018, pela Resolução nº 11/2018, foi quando o CFP regulamentou a prestação de serviços psicológicos por meios de tecnologia da informação e da Internet. Para a promoção dessas práticas, os profissionais devem cumprir um cadastramento em uma plataforma de seus respectivos Conselhos Regionais de Psicologia e aguardar sua aceitação (e-Psi). Além disso, é vedado o atendimento online a pessoas em situação de emergência e desastres e de violação de direitos e de violência, sendo necessário, ademais, um respeito às especificidades e à adequação dos métodos utilizados (Conselho Federal de Psicologia, 2018).

Com o advento da pandemia da Covid-19, algumas alterações nesta última resolução foram realizadas e seguem vigentes durante esse período (Conselho Federal de Psicologia, 2020). Pela Resolução 04/2020, o CFP regulamentou acerca dos serviços psicológicos nesse contexto e considerou a internet e os meios de comunicação como recursos para o trabalho remoto. Assim, nesse momento, o profissional não necessita de aguardar a aceitação de cadastro no e-Psi para já iniciar seus serviços online, tendo, porém, que realizá-lo o quanto antes. Outrossim, os atendimentos a pessoas em situação de emergência e desastres e de violação de direitos e de violência são permitidos de forma remota, não somente como suporte técnico ao atendimento presencial.

Podemos verificar, portanto, com essa última resolução, o quão importante é a atuação dos psicólogos nesse período. Foi percebido, durante e após a quarentena, um aumento na procura de serviços de saúde mental no mundo todo, inclusive no Brasil, o que reforça a relevância da psicologia neste cenário (Bell, Crabtree, Hall & Sandage, 2021; McLean et. al., 2021). A partir do que compreende o campo da psicologia em emergências e desastres, esse momento emergencial se revela como crítico, cujos métodos de superação dos cidadãos não se configuram mais como suficientes, necessitando de um auxílio psicológico (Cogo, et al., 2015). A atuação, dessa forma, deve se ajustar ao que é possível no instante com os mecanismos disponíveis, como a internet e as sessões de forma online - até mesmo para os grupos terapêuticos (Weinberg, 2020). Ou seja, a intervenção aqui se daria com o objetivo de aliviar o sofrimento imediato e dar apoio eficaz para seu enfrentamento, além de evitar

maiores danos, prevenindo transtornos mentais e fortalecendo as redes de apoio (Cogo, et al., 2015).

2.2 DESAFIOS E NOVAS PERSPECTIVAS PARA OS PSICOTERAPEUTAS

Ao falar de psicoterapia, devemos ter em mente que, mesmo essa não sendo privativa de psicólogos, possui muitos deles atuantes na área e, com isso, concerne ao campo da Psicologia. À vista disso, a Resolução nº 010/00 do CFP compreende a prática psicoterápica como um processo baseado na ciência, o qual se ampara em uma análise, uma compreensão e uma intervenção, que visa promover saúde mental e artifícios para o enfrentamento de conflitos e transtornos psicológicos. Já para a teoria da subjetividade proposta por González Rey (2016, 2017), além do que foi exposto, a psicoterapia é baseada na perspectiva do diálogo e do desenvolvimento humano, acompanhando o processo de vivências e experiências dos interlocutores (Mori, 2019). Com o diálogo, estabelece-se um vínculo constituído pela qualidade dos diferentes processos subjetivos manifestados na subjetividade dos participantes desse (Mori & Goulart, 2019). Logo, compreendemos que a prática psicoterápica também mobiliza diferentes processos subjetivos do psicoterapeuta na sua atuação profissional, posto que não ela não é dissociada de sua história pessoal.

Assim, podemos afirmar que a pandemia da covid-19 se deu como um fenômeno universal, cujos impactos se refletiram nos indivíduos, nas comunidades e nas nações, ou seja, a pandemia pode ser compreendida como um desastre no ponto de vista da psicologia em emergências (Cogo, et al., 2015). Logo, esse fenômeno, ao ser incorporado na experiência de vida das pessoas - inclusive, dos psicoterapeutas -, pode propiciar novas formas de mobilização e produção de sentidos subjetivos (Cogo, et al., 2015; González Rey, 2011). Foi perceptível, em estudos estrangeiros, o aumento do estresse e da fadiga em psicólogos durante e após a pandemia. Por conseguinte, faz-se possível inferir que, para uma maior compreensão do impacto da pandemia de coronavírus na prática psicoterápica, a análise da subjetividade desses profissionais atuantes nessa conjuntura também se faz necessária.

É notório, portanto, que um trabalho em um contexto crítico como esse se caracteriza como estressante. Os profissionais que lidam com pessoas em emergência podem sofrer o risco de ficar mobilizados com o que os pacientes sentem (Toledo, Prizanteli, Polido, Franco & Santos,

2015), ainda mais quando também se encontram em meio ao cenário epidêmico. Logo, por estarem inseridos nesse quadro, os psicoterapeutas também são afetados por essa emergência e apresentam processos que devem ser considerados em suas intervenções (Costa, et al., 2015), “antes e pós-covid”. Nesse cenário, é possível perceber também a relação com a subjetividade social do momento pandêmico, visto que há um movimento mundial incentivando o distanciamento social e a mudança de vários setores para a atividade remota e online, além do próprio medo da contaminação e dos efeitos do vírus. Esse quadro, portanto, impacta diretamente na configuração subjetiva dos psicoterapeutas, ou seja, reflete na rede simbólico-emocional constituída de diferentes desenvolvimentos e implicações das experiências vividas por esses profissionais de psicoterapia (González Rey, 2011).

Por conseguinte, verificamos a existência de benefícios nos atendimentos online - principalmente neste cenário pandêmico -, tanto para os pacientes quanto para os profissionais, e suas semelhanças com o *setting* terapêutico presencial, que reforçam a necessidade e a relevância desse formato de psicoterapia para a contemporaneidade (Anderson, Carlbring, Berger, Almlöv, & Cuijpers, 2009; Day & Schneider, 2002; Fink, 2017). Porém, mesmo com os avanços e a importância da Internet nos dias atuais, para muitos psicólogos, os meios tecnológicos não se caracterizavam como uma possibilidade para a realização da psicoterapia (Castelnuovo, Gaggioli, & Riva, 2001). Por conseguinte, como citado anteriormente, embora esses serviços tenham sido regulamentados pela Resolução nº 11/2018 do CFP (2018), a prática da psicoterapia online ainda se configura como uma novidade para muitos terapeutas. Conforme falamos previamente, contudo, o cenário de pandemia e a Resolução nº 04/2020 do CFP (2020) alteraram radicalmente essas percepções profissionais, contribuindo para pensarmos ainda mais em novas formas de se realizar a psicoterapia.

Os desafios contemporâneos concernentes a essa prática, portanto, se encontram, principalmente, no que tange à necessidade de uma postura mais crítica dos psicoterapeutas e de suas abordagens (Holanda, 2012). Outrossim, é importante ressaltar que a ampliação de campos de atuação não necessariamente se refere à insuficiência e à extinção de outros (Holanda, 2012), o que pode representar um cenário favorável à ascensão da psicoterapia à distância mesmo com a manutenção da prática presencial. Logo, há de se pensar que o

referido campo de atuação deve manter uma proximidade e um diálogo com outras áreas da psicologia, visto que se constitui como prática profissional e de construção de conhecimento (González Rey, 2012).

3. MÉTODO

A pesquisa em questão é qualitativa, que se constitui em uma forma de observação mais próxima e adequada ao contexto dos objetos estudados, por meio da redução do domínio observado e da sensibilidade e interatividade com os entrevistados (Cardano, 2017). Ademais, pode-se dizer que não é a estrutura social em si que interessa para a pesquisa qualitativa, mas sim o processo social (Neves, 1996). Ou seja, não é o fenômeno que irá ser investigado, mas como as pessoas subjetivam esse fenômeno de acordo com suas vivências.

Logo, ao tratarmos de pesquisa qualitativa, falamos de pesquisa com seres humanos, em que se busca a relação dos significados que eles atribuem para os fenômenos sociais (Turato, 2004). Para Turato (2004), as entrevistas devem ser semidirigidas, focadas em grupos elegidos pelo pesquisador. Então, o interlocutor também tem a flexibilidade para conduzir o diálogo, o que impossibilita uma previsão rigorosa a respeito do andamento da pesquisa ou dos próprios resultados. Segundo o autor, os resultados da pesquisa qualitativa se constituem na interpretação e na discussão das observações em campo e das citações literais, revisando as hipóteses iniciais (Turato, 2004).

Nessa pesquisa foi utilizado o método construtivo-interpretativo proposto por González Rey (2005, 2017) que se fundamenta na Epistemologia Qualitativa. A Epistemologia Qualitativa se pauta em três pressupostos:

1. O caráter construtivo e interpretativo do conhecimento. Em suas palavras, isso “implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que nos apresenta” (González Rey, 2005, p. 5). Ou seja, como já se foi dito anteriormente, o conhecimento da realidade não se dá de forma linear, como uma apropriação direta, completa e neutra. O pesquisador não é uma entidade à parte, que apenas acessa a realidade. O conhecimento é uma construção, feita a partir do contato sempre parcial e limitado de um pesquisador que está implicado no mundo e não pode se separar dele. O

conhecimento, portanto, aparece como uma produção humana. Com isso, ele se legitima não pela sua correspondência linear com a realidade, mas pela sua capacidade de gerar campos de inteligibilidade e ação sobre a realidade.

2. Legitimação do singular como instância de produção do conhecimento científico. Significa legitimar a pesquisa não pelo resultado em nível empírico e cumulativo, mas sim pelo nível teórico. Ou seja, o caso singular tem valor pelas informações e ideias que surgem do caso, que contribuem para o desenvolvimento teórico, para a construção de conhecimento. Assim, a validação do caso singular se dá não pelo número de vezes que se observa o fenômeno “se assim o fosse, o caso singular não teria legitimidade, [...] mas sim pelo que representa para o modelo teórico em construção” (González Rey, 2005, p.25).

3. Compreender o processo de pesquisa como um processo dialógico. Segundo o autor, o diálogo é a “via privilegiada para conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizam os sujeitos individuais e que permitem conhecer o modo como as diversas condições objetivas da vida social afetam o homem” (González Rey, 2005, p. 13). Assim, através de um processo ativo de diálogo, onde pesquisador e pesquisado se envolvem na construção de um espaço de troca e reflexão, se possibilita o acesso à expressão simbólica de sentidos subjetivos, possibilitando o estudo da subjetividade. Como já dito, isso é uma oposição à chamada Epistemologia da Resposta, que implica uma concepção instrumental que procura, de forma linear, e em perguntas e respostas, as informações necessárias para a construção do conhecimento. Na Epistemologia Qualitativa, se enfatiza a necessidade da construção de um ambiente dialógico que permita ao participante produzir genuinamente, de modo autêntico e espontâneo.

Logo, pelo caráter dialógico e espontâneo da Epistemologia Qualitativa, os pesquisadores pretenderam construir uma rede de conversas com os participantes a fim de melhor entender suas subjetividades e aprofundar em suas questões, o que consistiu em grande importância para o estudo realizado e para a real compreensão dos desafios contemporâneos à psicoterapia.

3.1. OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo da presente pesquisa consiste na psicoterapia e seus desafios na contemporaneidade. A análise da subjetividade dos psicoterapeutas se faz necessária para entender o cenário em que essa prática ocorre e como a constituição das relações psicoterápicas estão ocorrendo no mundo atual. É sabido que a pandemia do coronavírus alterou em grandes proporções as dinâmicas relacionais e profissionais das pessoas, o que interfere diretamente na atuação da psicologia e da psicoterapia. Assim, compreender os processos subjetivos dos psicoterapeutas no cenário pandêmico e como se deram seus desafios e sua adaptação para a clínica online é primordial para o estudo da psicoterapia e dos seus desafios contemporâneos, o que contribui para o entendimento da ciência psicoterápica e psicológica.

3.2. PARTICIPANTES E CENÁRIO SOCIAL DE PESQUISA

Os participantes da pesquisa foram selecionados por conveniência, sendo três (03) psicoterapeutas que se interessaram pela pesquisa. O critério de inclusão se pautou pelo tempo de atuação dos profissionais na área clínica - sendo uma participante com 18 anos de experiência e os outros dois com 2 e 3 anos - e pela disponibilidade de participarem dos encontros virtuais realizados via Google Meet e/ou chamada de vídeo pelo Whatsapp. Assim, todos os participantes deveriam possuir acesso à internet e a equipamentos eletrônicos (como smartphones ou computadores) para participarem da pesquisa.

3.3. INSTRUMENTO

Foi utilizada a dinâmica conversacional online, que consiste em uma conversa (via internet), um diálogo, entre pesquisador e participante, que permite um processo dinâmico de relações, mesmo que à distância. A dinâmica conversacional não é feita com perguntas formuladas a priori pelo pesquisador, mas está orientada pelos objetivos de pesquisa no processo de diálogo que se organiza na pesquisa.

3.4. PROCEDIMENTOS

Os pesquisadores entraram em contato com os participantes por telefone (via WhatsApp) para explicar a pesquisa e consultar sobre a possibilidade de participação. Após a concordância, foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - em formato de formulário do Google - para preenchimento. Foram realizados encontros virtuais com cada participante, com duração de aproximadamente 1 hora, via plataforma Google Meet e/ou Whatsapp (chamadas de vídeo). Estimou-se, anteriormente, que haveria seis (06) encontros com cada participante - sendo um encontro a cada mês -, mas, diante da fluidez das dinâmicas conversacionais e da quantidade de informações extraídas, não houve essa necessidade, tendo ocorrido apenas dois (02) encontros com cada participante, com um intervalo de dois (02) meses entre cada encontro. Após cada dinâmica conversacional, os áudios gravados - com a autorização dos participantes - foram transcritos a fim de auxiliar na análise e na construção de informações.

3.5. ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DE INFORMAÇÕES

Nesse método, a análise e construção de informações se deu a partir da construção de indicadores, que permitiram o levantamento de hipóteses, para finalmente se articularem em modelos teóricos. Estes eram as suspeitas iniciais que os pesquisadores levantaram ao longo do processo de pesquisa, tratando-se de um contínuo processo de reflexão apoiado em fundamentos teóricos. Os indicadores foram, portanto, as primeiras conjecturas que se constrói sobre a pessoa. Posteriormente, conforme os indicadores foram ganhando força no curso da pesquisa, a articulação de diferentes indicadores permitiram aos pesquisadores amadurecer suas reflexões, chegando à construção de hipóteses. As hipóteses continuam, como é óbvio, em um nível hipotético, mas ressalta-se que agora já são construções mais sólidas e maduras. Com o tempo, podem mesmo articular-se a modelos teóricos (González Rey, 2005).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. A PSICÓLOGA JANAÍNA

O estudo de caso apresentado a seguir é sobre Janaína (nome fictício), uma psicoterapeuta de 60 anos de idade, que atua na área clínica há 18 anos ininterruptos e possui formação em Terapia de casal e família/Terapia Sistêmica; em Bioenergética; em EMDR; em Neuroterapia/Terapia do trauma - ferramentas de PRI - Processamento Rápido de Informações; em Diagnóstico Psicossensorial; em Coerência Cardíaca/Cardio Mind; em Psicologia Positiva e ainda atua com Florais do Cerrado. Nós nos conhecemos em um contexto bem informal, em que ela atuou como psicoterapeuta de um membro de minha família, e que, no momento de pandemia, relatou a esse meu familiar grandes mudanças na clínica e na sua maneira de enxergar a terapia online.

Durante a dinâmica conversacional, foi perguntado à Janaína como funcionavam seus atendimentos antes do momento pandêmico e o que mudou nesse contexto, como foi a transição para o online, como ela e os próprios pacientes lidaram com isso. Durante a conversa, a profissional relatou dificuldades com as plataformas digitais e com a própria readaptação de algumas técnicas de sua abordagem terapêutica para o virtual, mas argumentou que a pandemia foi um impulso para repensar acerca da terapia online, apesar de já ter tido algumas experiências prévias.

Janaína: Antes da pandemia, em 2019, eu já atendi duas pessoas online. Consegui, por um contexto bem peculiar, porque a pessoa me procurou em um estado de pânico e precisava de ir embora de Brasília para o exterior... Eu fiz o meu trabalho com ele em algumas sessões e eticamente, assim, por uma questão muito séria do processo dele, eu tinha que acompanhar esse rapaz quando ele chegasse no exterior. Então, assim, foi um passo onde eu exigi além de mim pra ajudar essa pessoa a ir além quando chegasse lá.

A forma como a psicoterapeuta fala de suas primeiras experiências com a terapia online, um (01) ano antes da pandemia da Covid-19, nos evidencia que a sua principal motivação para se permitir atuar via online foi o próprio princípio ético e o compromisso social da Psicologia. A noção do cuidado com o outro foi mobilizadora para a mudança: o compromisso com a profissão fez com que ela tentasse superar uma dificuldade pessoal e profissional.

Diante disso, pontua-se que a Psicologia não é somente instrumental, ainda que tenha grandes papéis mobilizadores pautados em instrumentos e técnicas, a ciência psicológica é centrada no sujeito. A psicoterapia busca, por meio das técnicas e dos instrumentos, facilitar a expressão dos indivíduos no processo terapêutico, mas não se restringe a apenas esse aspecto. É pelo diálogo terapeuta-paciente e pelas hipóteses construídas pelo profissional, que o processo terapêutico avança, possibilitando reflexões e novos pensamentos e posicionamentos, os quais facilitam um processo de subjetivação. Por conseguinte, a Psicologia não ocupa um lugar de neutralidade, o que é evidenciado no diálogo a seguir:

Pesquisador: Então, foi uma demanda muito grande, interna e externa, não só profissionalmente, mas de todos os contextos?

Janaína: De todos os contextos... e todo o cuidado, mesmo assim, e preocupação com a minha mãe, que tem 87 anos... meus filhos... Todas essas áreas, assim, que a gente foi ajudando. A questão do desemprego, ter os pacientes que estavam quase em processo de alta, que de repente tiveram a falta dos seus empregos, diminuição de salário, como adaptar? Como rever o próprio pagamento da terapia? Foram vários itens... não é só o virtual, dentro da pandemia abriu-se esse leque de dificuldades que nós tivemos juntos a enfrentar, a questão financeira, a questão de pessoas que tinham comércio, a questão de pessoas que tinham seus empregos, reduziu carga horária, reduziu salário... crianças, os filhos crianças dentro de casa, como é que faz? Enfim, vários índices e, a gente como terapeuta, ajudando essas pessoas a lidarem com essa nova realidade.

A ciência psicológica no Brasil surge em um contexto de higienização moral, priorizando uma ideia de normalidade que sustentava o status quo. Ela procurava uma neutralidade sem implicações políticas, o que resultou na ausência, na investigação psicológica, dos processos simbólicos da subjetividade social e suas configurações de sentido subjetivo. Esse quadro, porém, vem se alterando nos últimos anos, com a reformulação do compromisso da psicologia com assuntos de cunho social e que se relacionam com a vida em sociedade e as desigualdades, preconceitos e marginalização. Ou seja, abandona-se a ideia de que a neutralidade na psicologia existe e se abre um campo para pensar nas responsabilidades sociais e éticas da profissão. Dessarte, o compromisso social da profissão é evidenciado na fala de Janaína como um todo, mas principalmente quando, posteriormente, a mesma relata que acordou com alguns pacientes para postergar seus pagamentos, visto que eles

necessitavam do trabalho psicoterápico no momento, mas não poderiam continuar a pagar as sessões - devido ao recente desemprego advindo do contexto pandêmico.

Além disso, no que diz respeito às maiores dificuldades relatadas pela psicóloga durante a psicoterapia online no momento de pandemia, o comprometimento com o processo terapêutico de seus pacientes também se fez presente na fala da profissional. Para além de seus dilemas pessoais, o acesso de seus clientes a um ambiente seguro e confortável para a sessão foi uma problemática. Diante do isolamento social, muitas famílias se viram obrigadas a rever suas rotinas e suas dinâmicas domésticas, visto que passaram a dividir seus espaços de forma mais intensa e menos regrada. Muitos pacientes psicoterápicos encontraram empecilhos nisso, principalmente no que concerne à privacidade na hora da sessão.

Janaína: Então, assim, foi toda uma reconstrução de readaptar e ajudar aquele paciente. Houveram pacientes que foram para o meio da rua, para o meio fio, para dentro do carro, na garagem, no quintal, para poder fazer esse momento de terapia. Aí, nesse momento, a terapia se tornava mais complicada, porque era o espaço - então até onde eu fui me adaptando a essas ferramentas que eu utilizava, que eu fui readaptando no trabalho online -, também tinha o espaço do paciente. Mas que foi riquíssimo.

Como é possível conferir na fala da participante, a psicóloga teve um momento de readaptação do presencial para o online no início da pandemia, em que se mobilizou para entender a melhor forma de utilizar suas técnicas e ferramentas terapêuticas e para auxiliar seus pacientes em suas próprias readaptações no processo psicoterápico. Com isso, ao longo das dinâmicas conversacionais, temos indicador do seu posicionamento como sujeito no que tange seu campo laboral, visto que gera posicionamentos para além do momento atual, buscando sempre se reinventar na sua prática profissional. Um reflexo desse papel de sujeito desempenhado pela profissional é evidenciado, durante a conversa, quando ela traz o relato de que participou de um grupo online de terapeutas no início da quarentena. Nesse grupo, as pessoas se apoiaram não só na troca de experiências sobre a clínica online e suas dificuldades, mas também sobre questões pessoais acerca do momento pandêmico.

Pesquisador: E, em relação ao grupo de terapeutas que você comentou anteriormente, você acha que foi fundamental para você enquanto profissional e pessoa em pandemia? Porque a gente troca frustrações, faz essa troca de experiência... Pra você foi fundamental esse grupo?

Janaína: Foi, esse apoio do grupo, nós terapeutas, foi fundamental. Eu trabalho com uma sócia, a gente divide a sala. Nós, não só no grupo, mas nós duas nos demos muito apoio, muito apoio! Nós fazíamos esse trabalho virtual, então uma tentando e ajustando como íamos fazer, como que estava sendo para nós, nosso trabalho - que a gente “trocava muita figurinha” de paciente -. Com certeza! Para mim foi fundamental esse apoio entre nós terapeutas, psicólogos, principalmente no início, depois conseguimos nos fortalecer e cada um seguir. Mas assim, cada um que precisava, a gente estava ali no grupo se ajudando, foi fundamental.

Rodrigo: E foram todas da mesma abordagem, Janaína - assim, trocando ideias de técnicas - , ou não?

Janaína: Não todos. No meu grupo mesmo, com essas ferramentas, quase nenhum. Mas o Gastão - que é o criador dessas ferramentas -, ele também nos ajudou muito! Ele fez muitas lives, fez também minicursos de como nossas sessões deveriam ser adaptadas para o online com as ferramentas. Foi de grande apoio o Gastão, que foi o criador dessas ferramentas e ele já tinha experiência com terapias virtuais e ajudou muito o grupo com essas ferramentas, os psicólogos. Foi fundamental a ajuda dele também, as lives dele, as conversas com ele... Ele fez um minicurso - acho que até a sua mãe fez também com ele - sobre como é que a gente poderia se adaptar nessa pandemia com essas ferramentas.

Rodrigo: Então você estudou muito também para essa transição?

Janaína: Nossa! Fiz curso online breve, no início, muito! Assistia lives, estudei muito, tive a oportunidade de estudar muito. Livros que eu não tinha tempo de ler, inclusive. Tive que, para fazer os protocolos para ajustar para as sessões virtuais, eu tive que estudar, tive que elaborar. A sessão que era de uma hora ficava maior, porque eu tive que - sabe aquele professor que tem que? [fez movimentos com as mãos de escrever] -, eu também tive que fazer assim, tive que seguir roteiros de como eu ia fazer. Foi bacana, foi riquíssimo. Nossa, foi riquíssimo!

Por conseguinte, outro indicador que se torna bastante presente na fala da psicóloga diz respeito à importância de redes de apoio para enfrentamento e adaptação ao contexto pandêmico, inclusive no âmbito profissional. Janaína contou-me que a troca de experiências e informações a ajudou não só na prática clínica, mas também para adaptar a sua vida pessoal à pandemia. Diante disso, é possível perceber a importância do diálogo como mobilizador de novos sentidos subjetivos e, conseqüentemente, de novas configurações subjetivas que

possibilitaram à terapeuta conseguir trabalhar em um contexto jamais vivenciado anteriormente.

Além disso, é possível perceber que, no grupo de terapeutas usado pela psicóloga como rede de apoio, profissionais de outras abordagens psicológicas se faziam presentes. Isso é interessante, porque, posteriormente, Janaína relata que teve dificuldades em adaptar suas ferramentas e técnicas para a modalidade de terapia online e que profissionais de abordagens que não utilizam do corporal (como a psicanálise) teriam tido uma maior facilidade nessa transição. Essa fala demonstra uma certa insegurança e receio da profissional no que diz respeito à terapia online e, por ter uma longa jornada na prática da clínica presencial e estar acostumada com suas técnicas, representa uma possível acomodação e medo da nova realidade profissional. Ademais, sua comparação entre as abordagens na clínica online evidencia um possível desconhecimento acerca de outras epistemologias e, portanto, uma noção estereotipada delas.

Assim, diante do exposto, é possível identificar outro indicador: o distanciamento dos psicoterapeutas às epistemologias diferentes das suas e uma pequena alienação no que diz respeito às diferentes vertentes da Psicologia. É sabido que, para a atuação profissional, se faz necessária uma escolha de epistemologia e de técnicas, por parte dos psicólogos, a fim de embasar seus trabalhos e realizá-los com excelência. O terapeuta deve buscar ter domínio de sua abordagem psicoterápica, estudando não só suas técnicas mas sua teoria como um todo. Entretanto, um diálogo entre as diferentes epistemologias se faz necessário para constituir a Psicologia enquanto ciência e para propiciar uma atuação profissional mais crítica dos psicoterapeutas com suas respectivas abordagens.

Essa problemática, entretanto, não advém somente de especializações e atuações dos psicólogos já formados, mas também da própria graduação em psicologia no Brasil. Os estudantes de psicologia, em contato com diferentes teorias ao longo da graduação, podem possuir dificuldade na escolha de sua abordagem para a futura atuação profissional, mas invalidar a cientificidade e a validade prática das demais teorias não constitui o posicionamento crítico necessário aos profissionais de psicologia. A pequena rivalidade e competição entre as epistemologias estudadas na graduação advém da preferência de cada estudante e da ideia alienante de que há uma abordagem psicoterápica melhor do que a outra, que pode vir até mesmo da influência de seus professores. Com isso, é necessário

repensar sobre como a graduação de psicologia está sendo conduzida nas universidades brasileiras e procurar investigar como as especializações podem diminuir a alienação e aumentar o pensamento crítico dos profissionais, capacitando-lhes e também estimulando-os a dialogar com outras teorias.

Outra perspectiva importante a ser abordada é a vacinação dos profissionais de saúde. Durante as dinâmicas conversacionais, Janaína se mostrou bem temerosa e cuidadosa com relação à pandemia. Ao ser vacinada, porém, manteve um sentimento de esperança e de renovação que impactou nos seus atendimentos clínicos. Ela se desafiou e pôde adaptar suas ferramentas e técnicas de EMDR e terapia do trauma, que antes temia não conseguir tamanha adaptação. Além disso, conseguiu sair de uma perspectiva de saturação e readaptação à pandemia para um processo de esperança e autocuidado, realizando exercícios físicos e frequentando cafés e restaurantes nos quais se sentia à vontade, resgatando antigos hobbies e o prazer nas atividades diárias. Isso se refletiu na sua atuação, enquanto psicoterapeuta, na medida em que passou a trabalhar com seus pacientes para que eles também tivessem novas perspectivas diante do contexto vivido, como é possível verificar no trecho a seguir:

Janaína: Ontem mesmo, uma paciente que veio aqui saiu de longe para encontrar uma amiga de uma cidade do Goiás, que disse que umas 14 horas chegava aqui. E eu falei “Nossa, logo descendo aqui o consultório, tem um café aqui que é super gostoso e que tem um jardim! Você veio aqui na terapia e agora sai e vai fazer uma coisa gostosa, tomar um café, um capuccino, com a sua amiga!”. E foi muito bacana, depois de duas horas ela falou: “Nossa, Janaína, obrigada por essa dica do café! Café maravilhoso! Estou aqui!” e me mandou uma *selfie* dela com a amiga tomando café. Então, é resgatar dentro de nós isso que a gente gosta, de estar com um amigo, estar tomando um café, tomando um espumante [...]. Mas, assim, resgatando a nossa vida com cuidado. Mesmo eu estando aqui vacinada, tomo cuidado para não ficar doente, mas também para que o outro não adoça - vocês jovens, meus filhos, você que ainda não tomou vacina, meus filhos que ainda não tomaram -, esse cuidado! Mas também dando a esperança de a gente sair dessa de maneira mais leve do que foi no início! Ao ressaltar esse exemplo de sua paciente, Janaína evidencia outro importante aspecto da psicoterapia durante esse contexto de crise pandêmica: o comprometimento do paciente com o seu próprio processo. A psicóloga trouxe o exemplo dessa paciente que se deparou diante de uma situação e agiu para além da sessão de terapia, aplicando suas reflexões e

pensamentos em suas experiências cotidianas. Outrossim, Janaína comenta que também pôde perceber esse comprometimento com a psicoterapia em outros clientes e de diferentes formas:

Pesquisador: Você acha que, mesmo após esse cenário pandêmico, o virtual vai ser uma realidade presente na sua clínica?

Janaína: Vai! Não só porque agora eu me abri para essa experiência, mas porque os próprios pacientes preferem -inclusive os que chegaram já no presencial. Esse ano ou final do ano passado - quando a gente voltou presencialmente -, eu recebi alguns pacientes novos e, vez ou outra, eles me pedem virtual. Por exemplo, coisa que eu não fazia, que eu achava estranho, mas eu tive a experiência: super choveu na asa norte ou lago norte e meu consultório é na asa sul, aí a pessoa fala assim “Janaína, olha só, aqui está uma chuva danada” ou então “Eu me atrasei aqui no meu trabalho, vamos fazer virtual?”. Pronto! Tem essa dinâmica agora, entendeu? Você não perde a sessão porque choveu, porque atrasou ali ou porque você vai se atrasar e perder 20 minutos da sessão, vamos logo fazer virtual! Ou a pessoa marcou a sessão, principalmente quem trabalha na Câmara, e deu um “proctoló” e a pessoa fala “Janaína, não vai dar tempo de eu chegar aí, vamos fazer aqui?”, aí ela desce para o carro e faz no carro. É muito interessante! E isso está ótimo, abriu essa possibilidade para os pacientes também ao invés de desmarcar. E assim é bacana porque você vê o grau de resistência e de auto-sabotagem, porque, muitas vezes, essas questões eram utilizadas para não ir à sessão, mas muito mais por uma auto-sabotagem, dificuldade, medo dos próprios medos... Aí você vê o quanto a pessoa está envolvida e querendo, porque agora não dá para ter o tempo de chegar, “então não dá tempo, mas eu quero fazer virtual”. Antes, uma auto-sabotagem entrava nesse “Ah, minha chefe estava numa reunião...”, mas agora tem a possibilidade de “Nossa, a reunião acabou! Já perdi 5 minutos da sessão, mas vamos fazer virtual? Pode ser?”. Ou então o paciente desmarca porque vai ter alguma coisa e me fala “Janaína, olha só, terminou antes, você marcou alguém no meu lugar? Porque eu posso fazer virtual...”. Essa flexibilidade agora das sessões está muito interessante, sabe? Isso mudou nesse contexto! A pandemia trouxe essa possibilidade...

Como é possível perceber no trecho transcrito, a flexibilidade da terapia online possibilitou até os pacientes do atendimento presencial terem suas sessões remanejadas para o meio virtual por algum imprevisto. Essa perspectiva contribui para que o próprio psicólogo consiga

melhor entender as demandas daquele paciente e o seu nível de dedicação na terapia e para que o processo do terapeuta não se perca ou se interrompa. Isso possibilita, cada vez mais, a construção de um processo dialógico baseado na dinamicidade e na emancipação do indivíduo enquanto agente e sujeito de suas experiências.

4.2. A PSICÓLOGA BEATRIZ

O estudo de caso apresentado a seguir diz respeito à Beatriz (nome fictício), psicóloga graduada em 2018 também pela mesma instituição de ensino em que estudo. A psicoterapeuta utiliza de um perfil profissional em suas redes sociais e foi por este meio que estabelecemos o primeiro contato. Beatriz se especializou na abordagem Sistêmica e, durante toda essa pandemia, fez somente atendimentos online.

Ao ser questionada sobre a transição do presencial para o online, no início da pandemia, em março de 2020, Beatriz conta que a maioria de suas clientes se adaptaram bem à terapia à distância, sendo que somente duas optaram por não continuar o processo terapêutico de forma remota. As que aderiram à nova modalidade, inclusive, manifestaram que, mesmo se a pandemia melhorasse, elas gostariam de continuar a psicoterapia de forma online, devido à praticidade, a não ter mais que se deslocar fisicamente ao consultório e à boa adaptação ao novo formato.

Isso pode ser consequência da forma como a própria psicoterapeuta se portou diante de suas sessões online. Beatriz ressalta que havia recém montado seu consultório quando o primeiro lockdown, em março de 2020, ocorreu. A psicóloga contou que passou uma semana sem atender para poder pensar em como iria agir a partir dali e, após esse período, decidiu se dedicar mais ao seu perfil - já existente - na rede social do Instagram e em atender online direto do seu consultório. Sendo uma das psicólogas pioneiras nas redes sociais durante a pandemia, Beatriz demonstrou que teve bastante segurança na transição dos formatos de terapia, mesmo com seus desafios. A terapeuta estudou e buscou se adaptar cada vez mais ao cenário virtual, propondo não só postagens de conscientização e divulgação do trabalho da Psicologia, mas também realizando grupos terapêuticos virtuais e consultorias a outros psicoterapeutas acerca do uso das redes.

Essa experiência da psicóloga com as redes sociais é mais um indicador de que as relações terapêuticas incorporam diferentes esferas da vida de ambas as partes, tanto do terapeuta quanto do cliente. É possível perceber que as clientes de Beatriz - e ela mesma - utilizam bastante os meios de comunicação em massa e mantêm relações virtuais. Esse aspecto também se configura como algo geracional. Dessarte, de acordo com a Teoria da Subjetividade e seu viés cultural-histórico, é possível perceber a presença de uma subjetividade social pautada em aspectos geracionais relacionados ao uso da internet.

Pesquisador: Falando sobre as redes sociais, que estão presentes desde o início da sua trajetória na profissão, você falou que encara como um trabalho também. Então, não vou falar que é mandatório, mas virou uma rotina? Uma forma de você divulgar o seu trabalho, porque antes era mais no boca a boca: “Ah, vi essa psicóloga, ela é muito boa!”. Agora, o online abriu as portas para isso?

Beatriz: Sim! E eu vejo a diferença que isso dá até para os primeiros encontros de psicoterapia - não sei se posso falar isso, mas vou falar da minha experiência. Eu até trabalhei com convênio e, quando é convênio, é o pior tipo de vínculo e início de vínculo possível, porque a pessoa não sabe nem o seu rosto. Então, ela marcou naquela clínica e foi ver, ela chega lá e não sabe nem quem você é. Quando é por uma indicação direta, é porque a pessoa falou bem para ela, mas, tipo assim, ela só vai me ver quando eu abrir a porta ou na foto do WhatsApp - era o que acontecia antigamente. Com a rede social, é muito engraçado! As pessoas já me chamam de Bia! Elas falam: “é interessante, porque parece que eu já te conhecia!”. Então, para eu ter que ficar trabalhando aquele início de vínculo, a pessoa já chega muito mais “eu li tal texto que me fez refletir”, “nossa, teve aquela vez que você postou aquele livro, eu comprei esse livro e comecei a ler”. Então assim, parece que já tem uma conexão prévia e elas já conseguem, acho que já... as coisas já vão começando: “ah, não sei se você já viu...” e elas “ah, já vi um vídeo de você explicando sobre isso”. Então é muito bacana esse espaço que a rede social dá, também, até para que elas tenham segurança na gente.

Com a fala da psicoterapeuta, podemos perceber uma peculiaridade a respeito da modalidade online aliada à produção de conteúdo nas redes sociais: a aproximação dos indivíduos e a facilitação do vínculo terapêutico. A possibilidade dos pacientes poderem acompanhar o

trabalho do psicólogo - entendendo como funciona o processo terapêutico e compreendendo qual o posicionamento do profissional -, possibilita que, ao iniciar suas sessões, o vínculo psicoterápico se estabeleça mais rapidamente e de forma fluida e flexível.

Ademais, com o formato virtual, os psicoterapeutas conseguiram ampliar seus atendimentos e seu alcance para outras regiões que não sejam as de sua moradia. Dessa forma, como relatado em sua dinâmica conversacional, Beatriz trabalha com pacientes de sua cidade, de outras cidades e estados e, até mesmo, de outros países. Diante dessa perspectiva, a psicoterapeuta consegue se aproximar de outras culturas e singularidades que, com um consultório físico, ela não conseguiria.

Pesquisador: Ah! Eu até queria perguntar para você, porque você me falou que tem clientes de fora do Brasil...

Beatriz: Para os meus clientes que são de outros países, eu falo “Vocês não tão entendendo, vocês estão nutrindo a minha saúde mental! Porque vocês trazem outros tópicos, que não a pandemia. É outra coisa, por favor continue, continue trazendo suas histórias!”. Tenho uma cliente que até fala “Todo dia eu trago uma *fanfic* diferente pra você, né?” e eu falo “Pode trazer a *fanfic*, fique super a vontade! É a *fanfic* que eu tô precisando!”. É muito gostoso assim, é outra coisa! Até uma amiga me perguntou “Não te dá inveja?” e eu fico “Não, eu fico feliz!”, feliz por ela, feliz que eu tô ouvindo uma coisa mais leve, sabe? São outros problemas, assim, que dá até saudade da época que era de pré-pandemia. Quando eu atendia, eram questões mais relacionais, assim: “Fiquei com tananã”, “Minha amiga não sei o que...”. Maravilhoso, sabe? Eu falo assim “Nem existe covid!”. Tem gente que mora em outros países que vieram do brasil, né? Elas andam lá de máscara e as pessoas ficam “Ahn?! O que tá acontecendo?”. Uma outra coisa, tem cliente que mora em Tokyo, na Ásia, nos Estados Unidos, Canadá... Cara, é muito legal isso assim de outros lugares! Eu fico tipo “Ai, é o que eu quero! Tá sendo bem leve, eu gosto confesso.”

Diante do trecho apresentado, outra questão importante a ser abordada é a diferença das demandas das clientes internacionais das nacionais, principalmente no que concerne à realidade de vacinação e contaminação da covid-19. Durante as dinâmicas conversacionais, Beatriz se mostrou bem cuidadosa com relação à pandemia, mesmo ao ser vacinada, ela continuou mantendo um distanciamento social e uma perspectiva mais realista da situação

brasileira. Essa situação propicia refletir sobre como a pandemia foi um grande fator de estresse em diferentes áreas de sua vida, impactando na maneira como se portava em psicoterapia. Mesmo que sua carreira tenha sido alavancada durante a quarentena, os assuntos de sua vida pessoal e profissional giraram em torno do contexto pandêmico, refletindo uma problemática de muitos profissionais da saúde: a exaustão devido à epidemia do coronavírus.

A dialogicidade do processo terapêutico, entretanto, colaborou para diminuir seu sofrimento psíquico ao se deparar com demandas mais cotidianas - e sem relação à pandemia - de suas pacientes de fora do país. Aqui, percebe-se a importância da sua relação com suas clientes e em como a própria psicoterapeuta procurou, de alguma forma, superar seus empecilhos diários. Beatriz se mobilizou para enxergar além dos assuntos trabalhados com suas pacientes do exterior, procurando manter uma relação de esperança e otimismo com relação ao combate do coronavírus. Isso pode ser um indicador de papel de agente da psicoterapeuta com relação à sua vida profissional, visto essa realidade pôde ser percebida em outras esferas da sua vida, como na melhora da sua disposição no atendimento das suas clientes como um todo - inclusive as que moram no Brasil -, na sua inserção em grupos de psicólogas a fim de estabelecer uma rede de apoio para diversas questões e na sua relação com as mídias sociais - que foi mais um mecanismo de manter-se entretida em outras pautas que não a pandemia.

Por conseguinte, podemos inferir que, para além de um perfil profissional, a página de Beatriz nas redes sociais se configura como um espaço de resistência e de conscientização, indicando que o trabalho do psicoterapeuta vai além do consultório. Isso remete à função política e social da psicologia e, dessa forma, indica que a internet também amplia o alcance desse papel. Ao lidar com diferentes públicos, de diferentes gêneros, faixas etárias, classes sociais, raças e sexualidades, o psicoterapeuta amplia sua percepção de mundo - o que pode impulsioná-lo a estudar mais assuntos e dialogar com as diferentes áreas. A reflexão de Beatriz, ao longo de suas dinâmicas conversacionais, a respeito da sua produção de conteúdo para além do marketing da profissão, indica um possível papel de agente (segundo a Teoria da Subjetividade) nesse aspecto.

Entendendo que a internet é um meio mais acessível de acesso à informação, Beatriz trouxe, em sua fala, a percepção de como seus conteúdos podem auxiliar nos processos terapêuticos

de suas clientes e nas reflexões de outros telespectadores - que, por falta de recursos, não conseguem aderir à psicoterapia. Isso não substitui um acompanhamento psicológico realizado por um profissional, mas colabora para a democratização da psicologia e para mobilizar a população a aderir diferentes estratégias a fim de ampliar seu autoconhecimento.

Essa perspectiva, entretanto, nos traz o seguinte questionamento: seria um pré-requisito para o psicólogo se manifestar em suas redes sociais para conseguir pacientes e atender online? É possível perceber que as mídias sociais e o meio virtual têm grande influência no exercício das diversas profissões nos dias atuais, sendo um importante mecanismo para que os prováveis clientes possam encontrar e conhecer o trabalho dos profissionais que procuram. Isso seria um indicador de que as profissões devem acompanhar o ritmo da sociedade e suas ferramentas mais utilizadas, mas não é uma regra.

Diante disso, surgem outros desafios ao psicoterapeuta, como se manter motivado para a produção de conteúdo nas redes sociais, para lidar com os comentários de *haters* e para sempre estar atento às normas éticas dos Conselhos de Psicologia (Regionais e Federal). Assim, é possível fazer uma relação dessa realidade com a história da Psicologia, enquanto ciência, no Brasil. Em seus primórdios, a ciência psicológica brasileira focou no tratamento de transtornos e na adequação social daqueles que ameaçavam o status quo. Por conseguinte, ainda nos dias atuais, muitas pessoas possuem o entendimento de que o trabalho do psicólogo se restringe apenas ao cenário clínico e que psicoterapia é para “gente doida”.

Posto isso, o desafio de conscientizar as pessoas sobre esta profissão, através das redes sociais, perpassa por esse imaginário coletivo. Então, é possível perceber o avanço de profissionais - que não são psicólogos - divulgando promessas de cura para ansiedade, receitas para um relacionamento perfeito, entre outras, o que dificulta um trabalho sério de psicólogos que estão se inserindo nesse meio digital, visto que a ideia de “receitas milagrosas” e promessas de soluções rápidas atraem maior público, mas não são viáveis na teoria e na prática. Outrossim, ao trazer conteúdos, nas mídias, centrados em assuntos sobre saúde e de cunho social, os psicólogos tiveram que aprender a lidar com comentários de pessoas que desmerecem suas pautas e os atacam enquanto pessoa e profissionais, os chamados *haters*.

Pesquisador: Como é que foi isso pra você e como é que foi esse processo também? E ainda vivendo isso durante a pandemia, que a gente não tem como “chorar no ombro amigo”, literalmente! Assim né, você teve que recorrer a essas redes, como é que se deu isso?

Beatriz: No início, eu sempre fui polêmica, eu acho né... [...] Eu tenho muito medo dessa questão, mas nas redes sociais eu acho que eu fui testando muito e, logo no início, eu lembro de ter feito um *post* muito polêmico - só que pra mim não era polêmico - e é que nem eu te falei, eu sempre escrevi assim “Como não ser um *boy* lixo?” e falei pros homens e esquerdomachos. Nisso, as pessoas acharam revolucionário uma psicóloga falar isso. Tem pessoas que chegam e falam “Partilha aí”. Eu vi que eu podia falar e eu “Gente, não podia falar?”. E esse foi o meu primeiro *hate*, assim, meu movimento de *hate* bem forte. E esse dia eu lembro que eu fiquei uma semana só chorando por causa desse *post*. Eu não queria apagar, porque... - deixa eu até ver como ele tá aqui de resultado -, eu não queria apagar porque eu sabia que tocava muitas pessoas e eu sabia que tava ético fazer aquilo ali, eu sabia que tinham pesquisas por trás daquilo, mas eram muitas mensagens ofensivas e as pessoas... A gente sabe que tem questão de gênero aí! Os homens que apareciam, eles tentavam tocar no meu ponto fraco, que é a questão do meu conhecimento e da minha inteligência. Eles falavam assim “Você não é inteligente! Você é burra! Você tem que parar com isso! Você tá passando vergonha!” e era muito doloroso! [...] Eu tinha dois mil, três mil seguidores, e o *post* chegou nesse tanto de gente! Eu falei “Puts, lascou!”. E aí as pessoas... meu namorado, ele tinha que ficar bloqueando! Hoje em dia, tava até falando isso pras minhas amigas “Meu Instagram tem um bando de gente bloqueada por conta desse episódio”. E aí foi horrível assim. Depois de um tempo eu falei assim “Ah, quer saber? Eu sou a psicóloga rebelde então! Vocês querem me taxar assim, eu vou ser a psicóloga rebelde!”. E continuei falando, dando nome às coisas, sabe? Então, hoje em dia, não aparece tanto, eu acho. Só que umas pessoas aleatórias aí, o pessoal até está movendo processo, umas coisas bem sérias acontecendo... Que são pessoas que vão criando umas contas aí e é bem chato assim. É, tipo, tem umas frases meio nada a ver. Não me bate mais assim, não me toca mais, porque eu sei que é besteira e eu acho que eu aprendi muito a identificar isso, assim, a saber como segurar a onda...

No caso de Beatriz, contatou-se o quão, no início, essas ofensas a afetaram, a ponto de duvidar do seu papel ali nas redes sociais e do quão isso também impactou sua vida pessoal, passando

uma semana pensando sobre esses casos de chateação. Entretanto, como foi possível verificar nas dinâmicas conversacionais, temos o indicador de que as inseguranças de ser recém-formada e de ser pioneira nas redes com um perfil profissional podem ter sido o que intensificou sua reação frente aos discursos de ódio recebidos. É perceptível que o lado acadêmico e laboral são assuntos que atingem diretamente sua autoestima, o que pode ser, como relatado pela própria participante, uma questão de gênero. Nossa sociedade patriarcal estabelece o lugar de inteligência ao homem e o lugar de beleza à mulher, invalidando e duvidando do conhecimento e da atuação profissional de muitas mulheres. É uma realidade que, no Brasil e no mundo Ocidental, o gênero feminino tem mais empecilhos para conquistar um lugar de respeito e estabilidade, no campo profissional, do que o masculino. As mulheres estão, na maioria das vezes, em um papel de provações, em que são julgadas e avaliadas muito mais do que os homens, na realidade laboral.

Ademais, ainda nessa perspectiva, as redes sociais abrem uma possibilidade maior de as pessoas permanecerem no anonimato e, portanto, torna-se comum - mas não desejável - que homens criem diferentes perfis para assediar e intimidar mulheres. Portanto, a sua rede de apoio, tanto do namorado quanto de suas amigas psicólogas (que também são ativas na mídia), foi uma peça fundamental para a sua mobilização.

A troca de experiências com outras mulheres da área, se fez bastante recorrente na fala da psicóloga, principalmente sobre vivências que permeiam esse mundo virtual, configurando uma excelente ferramenta de apoio e resistência - como dito anteriormente - para uma maior emancipação e fortalecimento, dela mesma e de suas colegas, diante do machismo perpetuado na cultura brasileira. Diante disso, a partir da sua autovalidação enquanto pessoa e mulher, a terapeuta se valida enquanto profissional. Beatriz toma uma posição de sujeito, nesse aspecto, ao enfrentar paradigmas sociais e produzir novas configurações subjetivas a respeito de si mesma no âmbito laboral.

4.3. O PSICÓLOGO VINÍCIUS

O seguinte estudo de caso é sobre Vinícius (nome fictício), psicólogo graduado pela mesma instituição de ensino em que estudo. Ele utiliza a abordagem construtivo-interpretativa de González Rey e sua orientadora de mestrado é a mesma que me orientou neste trabalho.

Sendo assim, foi por meio dela que nos conhecemos, via redes sociais. Vinícius atua na área clínica desde que se formou, usando a Teoria da Subjetividade para se embasar teoricamente no setting terapêutico.

O psicoterapeuta, durante suas dinâmicas conversacionais, relatou como a transição para a clínica online e seu período de adaptação foram difíceis. Vinícius se sentia muito bem ao atender presencialmente antes da pandemia do coronavírus. Quando veio a quarentena, porém, se sentiu desconfortável e desamparado para clinicar:

Vinícius: Eu estava adorando aqui, estava fazendo parte, realmente, da minha vida. E, quando a gente precisou - em março se eu não me engano (por volta do dia 17 de março foi a última vez que atendi presencialmente) -, a gente precisou trocar para o online, eu tive uma dificuldade absurda! Porque eu não sentia que a pessoa queria falar. Porque eu não sentia que ela se sentia no espaço seguro mesmo estando em casa. Porque vários clientes meus tiveram que parar, porque em casa mora com a mãe ou com o marido, que não sabia que a esposa fazia terapia, ou com com a esposa, que não sabia que o marido fazia terapia. Então, várias dessas questões começaram a mexer com o meu cotidiano e eu tive que dar um *break*, assim. Tanto que eu parei os atendimentos durante 3 ou 4 meses, porque eu precisava pensar sobre isso. Tirando os casos mais difíceis e mais pontuais, eu não atendia virtualmente, não sentia a mesma relação.

A sensação de impotência e de exaustão emocional, no início do lockdown, foi algo recorrente, relatado por Vinícius e pelas demais participantes da pesquisa. É sabido que o cenário de mudanças abruptas e inesperadas, aliado ao estado de calamidade pública mundial, foi um grande estressor para a população como um todo. Assim, o trabalho de psicoterapia se torna um desafio ainda maior para o profissional da psicologia, visto que ele teria que lidar com o cenário pandêmico nas diversas situações de sua vida: nas demandas de seus pacientes, nas notícias, na realidade cotidiana e nas suas próprias questões emocionais.

Essa exaustão dos profissionais de saúde, portanto, é reflexo de uma subjetividade social acerca do papel que eles configuram na comunidade. A lógica medicalizante da sociedade contemporânea é marcada pelos diagnósticos em massa e pela desumanização dos pacientes. Entretanto, essa crença compartilhada interfere, também, em como os trabalhadores da área da saúde são vistos. É normalizada uma rotina laboral com turnos extensos e exaustivos para

a categoria, advinda, principalmente, do próprio pensamento capitalista e de uma cobrança social. A problemática se configura na grande carga de trabalho e nas poucas horas dedicadas realmente ao descanso, o que possibilita quadros de ansiedade, exaustão e estresse. À vista disso, o ideal medicalizante desumaniza as relações como um todo, tanto a parte do paciente quanto a parte do profissional.

Conseqüentemente, os psicoterapeutas também são compreendidos por essa dinâmica social. É notório o quão o senso comum, a respeito da nossa classe de trabalhadores, enxerga os psicólogos como analistas em tempo integral, como seres distantes e iluminados por um saber - saber este inalcançável para as demais pessoas. Essa configuração foi construída com base nas ideias populares sobre o processo psicoterapêutico, principalmente pela abordagem psicanalítica, ignorando outras teorias e campos práticos presentes na atuação dos psicólogos. Assim, a cobrança social pela produtividade dos terapeutas e a própria consciência deles a respeito do papel social da psicologia são indicadores possíveis para o sentimento de desconforto e impotência presentes na fala de Vinícius. O profissional, ao mesmo tempo em que exercia seu compromisso ético com pacientes de casos mais difíceis e pontuais, não conseguiu clinicar por meses. Isso se deu devido a seu desânimo com as desistências de alguns clientes e com a preocupação de não estar propiciando um ambiente seguro e acolhedor o suficiente para eles, indicando um temor a respeito da pandemia e uma insegurança acerca da terapia online.

Todavia, após sua movimentação nas redes sociais por meio de *lives* com outros profissionais - que, segundo ele, ocorriam de forma inconstante -, novos pacientes começaram a procurar Vinícius, especialmente pessoas de outros estados e municípios. Isso foi o que mais o mobilizou para adotar a terapia online como parte de sua atuação enquanto psicólogo. Essa nova modalidade o fez pensar em alternativas para melhor se adaptar, desde mudar sua cadeira de lugar, até atender de seu consultório. A partir desse momento, então, ele compreendeu que esta seria uma realidade vigente em sua vida profissional, procurando enxergar alguns benefícios para além dos desafios.

Pesquisador: E quanto à mudança para o online, você acha que vai ser uma realidade futura na sua clínica mesmo após a pandemia?

Vinícius: Sim. Eu achei bem diferente esse formato e, para mim, de verdade, é um caminho sem volta. Eu tenho amigos que amam atender online, tenho uma amiga que diz para mim

que ela não vai voltar para o consultório. Eu estava conversando com ela antes de viajar e eu falei para ela “Mas como assim você não quer voltar ao consultório? Me explica isso aí!” e ela falou assim “Eu vou gastar gasolina para ir para lá, eu vou sublocar sala, eu vou gastar o percentual da minha sessão se eu for trabalhar numa clínica!” - 40% é da clínica. Se você não tem seu próprio espaço, não vale a pena financeiramente. Eu acho o presencial melhor, mas que de fato é um caminho sem volta, eu tenho certeza que isso é verdade. Então, não é mais uma questão de botar no lugar, já tá pronto! É só comportamento adaptativo. Você precisa dar um jeito então. Eu acho que é isso.

Ao longo de sua dinâmica conversacional, precipuamente no trecho descrito, foi possível enxergar um marcador da personalidade de Vinícius e como se configura sua relação com a vida de psicólogo. O psicoterapeuta, ao afirmar a existência permanente da modalidade virtual em sua atuação clínica, evidenciou um caráter prático e realista na sua forma de pensar, de lidar com a vida e de se relacionar com as pessoas. Isso é perceptível no seu relacionamento com seus clientes, como é evidenciado no trecho a seguir:

Pesquisador: Acaba que é um novo cenário, né? Diferente do que a gente tinha até conversado em relação ao final do ano passado e início deste ano.

Vinícius: Sim.

Pesquisador: E são novas questões.

Vinícius: Uhum! Mas eu acho que tem mais uma coisa aí: a gente precisa ser muito honesto com as pessoas que a gente atende, sabe? Então, assim, longe de ser a pessoa mais quarentenada do cenário - bem longe de ser - e todas as pessoas que eu atendo presencialmente sabem disso, eu deixei muito claro sempre! Por isso que eu não encosto em ninguém, por isso que atendo com a distância que precisa, só eu que abro e fecho a minha porta... Eu tenho as minhas regras, mas, em momento nenhum, um cliente virou com medo dessa situação e eu falei “Não, pode ficar tranquilo, porque eu tô só em casa. Daqui do consultório pra casa.”, não! Nunca! Nunca falei, sempre fui absolutamente honesto. Inclusive, todas as pessoas que entravam em contato pra fazer terapia presencialmente, eu sempre falava isso primeiro. Primeiro lugar, antes de discutir valor e tal. Falei: “Olha, estou atendendo presencialmente, mas nessas circunstâncias! Eu preciso sair de casa por ‘n’ motivos! Porque eu preciso ir pra casa dos meus avós, eu encontro alguns amigos, eu vou comer fora... Essa é a condição! Você pode aceitar, você pode não aceitar. Eu posso te atender online, posso te

atender em outro momento!”. A possibilidade agora do online já ficou mesmo, então tem essa possibilidade também. E eu nunca recebi uma... Na verdade, os retornos que eu tive dessa atitude sempre foi das pessoas me agradecendo, porque falaram “Nossa! Quando eu fui procurar outro psicólogo, o retorno foi absolutamente diferente: que era só online, não teve essa clareza e essa abertura!” e eu acho que a gente precisa ter isso. Então pros que já tavam e pra quem tava no primeiro contato foi sempre a mesma conduta, sabe? A gente precisa ser muito honesto com quem a gente atende, ainda mais em um momento como esse!

A franqueza do psicoterapeuta com seus pacientes é mais um indicador da praticidade em suas relações. Outrossim, ele exerce seu compromisso social com a saúde dos outros na medida em que - reconhecendo os riscos de contágio do coronavírus e se responsabilizando por sua escolha de não cumprir uma quarentena à risca - estabelece limites e condições para a realização do atendimento presencial e explica a condição em que ele se encontra. Essa postura pode ser considerada de um agente. Por consequência, Vinícius sai daquele lugar enrijecido do psicoterapeuta, como problematizado anteriormente e relatado por ele mesmo em nossa conversa, ao relatar um pouco de sua vida pessoal e humanizar sua figura. Isto posto, o psicólogo quebra esse ideal de neutralidade na clínica e mostra que, para uma melhor constituição do vínculo terapêutico, isso é necessário.

Destarte, essa perspectiva retoma a história da Psicologia no Brasil enquanto mantenedora do *status quo* e pautada em uma ideia enrijecida da ciência, sendo ela neutra. Essas concepções, ainda que ultrapassadas e não mais vigentes, continuam na ideia de muitas pessoas. É comum a defesa de uma normatização da neutralidade na clínica. Contudo, retomando a discussão dos casos anteriores, a Psicologia não é neutra (nenhuma ciência é) e, por conseguinte, possui um papel social e político a ser cumprido, criticando e questionando as opressões e auxiliando o indivíduo em seu processo de emancipação. Logo, para que essas funções sejam realizadas, uma postura mais humanizada do psicoterapeuta se faz necessária. Compreendendo a postura crítica da ciência psicológica, é possível contextualizá-la com o contexto pandêmico pautado em *fake news* e negacionismo científico. Durante os anos de 2020 e 2021, o governo brasileiro disseminou diversas informações contrárias a dados científicos e tomou uma postura negligente e conservadora a respeito do cuidado com a saúde pública e o contágio da covid-19. Posto isto, um olhar crítico para esta conjuntura se faz

essencial, o que configura o papel político da Psicologia e seu lugar de não isenção, analisando a subjetividade social integralmente.

Ademais, o relacionamento de Vinícius com este ramo do conhecimento também nos proporciona refletir sobre um lugar de não neutralidade, na medida em que demonstra que não há como separar, totalmente, os diferentes campos da vida. Isto é, sobre sua relação com a psicologia, foi possível perceber que, não só sua realidade pessoal perpassa a realidade da clínica, mas também o contrário ocorre. A exemplo disso, durante a conversa, Vinícius relatou que seu cachorro leva o nome de Skinner em homenagem ao teórico e a sua aproximação com a Análise do Comportamento no início da graduação. Desse modo, compreende-se que a psicologia faz parte, também, de sua configuração subjetiva a respeito de sua vida pessoal, impactando, no geral, em sua maneira de pensar e viver.

Nessa perspectiva, faz-se concebível refletir sobre como as diferentes esferas da vida de um indivíduo coexistem e se correlacionam, contemplando sua subjetividade. Isso ocorre continuamente durante toda a vida da pessoa e de diferentes formas, visto que o sistema configuracional subjetivo está sempre em desenvolvimento e implica em uma diversidade de configurações subjetivas. Em outros termos, ao longo da vida, cada indivíduo se relaciona com seus aspectos pessoais, profissionais, amorosos, dentre outros, de diferentes formas e com diferentes arranjos, o que possibilita sempre uma nova maneira de ser e estar no mundo. Por exemplo, como relatado no caso de Vinícius, sua percepção de mundo se alterou com a entrada na graduação, assim como se alterou no fim dela - não só com relação ao âmbito profissional e acadêmico, mas também no âmbito pessoal.

Portanto, é possível compreender que, de certa forma, a Psicologia, enquanto ciência e profissão, faz parte da configuração subjetiva dos psicólogos em geral. Pois, à sua medida, todos irão incorporar certos aspectos dela à sua vida pessoal e certos aspectos da sua vida pessoal, à profissional. Em contrapartida, isso irá ocorrer de diferentes modos e intensidades, visto que depende de outras condições, tais como as experiências individuais de cada pessoa e suas configurações subjetivas dominantes. Diante de uma configuração subjetiva dominante, outras podem não superá-la e, conseqüentemente, não impactar, de forma significativa, a constituição da subjetiva do indivíduo. Como configuração subjetiva dominante sobre seu trabalho, temos, para Vinícius, sua relação prática e leve com a psicologia, levando essa ciência para diferentes campos da sua vida, até mesmo na sua maneira confiante de se

colocar perante os outros - como foi na situação em que escolheu ser honesto com seus clientes a respeito da quarentena.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, discutimos a viabilidade da psicoterapia online e suas possibilidades durante e após a pandemia do coronavírus, com base no método construtivo-interpretativo de González Rey. Pode-se dizer que o aumento da demanda por serviços de saúde mental e o curto período de tempo para a adaptação à clínica virtual impactou nas subjetividades dos psicólogos de diferentes formas. Porém, o papel político e social da categoria profissional foi o principal mobilizador para a perseverança destes frente aos desafios do momento.

Foi apresentada, durante o texto, a história da psicologia no Brasil e seu caráter normatizador e opressor nos primórdios de sua constituição enquanto ciência. A responsabilidade de manter o *status quo* foi alterada, ao longo dos anos, para dar lugar a uma postura de crítica e de manifestação frente às problemáticas contemporâneas. Dessa forma, hipotetiza-se que a respectiva trajetória da profissão, no país, faça parte do sistema configuracional subjetivo dos psicólogos e, com isso, tenha influenciado na forma deles se mobilizarem, como dito anteriormente.

Ademais impactos do contexto pandêmico afetaram a sociedade mundial e, ainda que muitos tenham tido recursos para se habituar, o estresse e o esgotamento foram marcantes na realidade da maioria, incluindo os psicoterapeutas. Não obstante, o fato da ciência psicológica estar presente nos diversos campos da vida destes indivíduos auxiliou na superação dessas adversidades emocionais. O conhecimento e a visão de mundo, no geral, dos profissionais da área e as expectativas sociais sobre eles possibilitaram que buscassem estratégias, no seu cotidiano, para vencer o desânimo e a exaustão.

Em outra concepção, foram apresentados dois recortes geracionais a partir da colaboração voluntária dos três participantes: de um lado, a dificuldade e a resistência em se adaptar aos meios tecnológicos no *setting* terapêutico; de outro, as redes sociais como principais aliadas aos psicoterapeutas. Os limites éticos da exposição do trabalhador na internet se concentram na responsabilidade e no respeito com a ciência e com a educação, ainda que permita uma postura mais descontraída e humanizada dos psicólogos.

Assim, a psicoterapia online possui alguns desafios diferentes da clínica presencial, tais como a produção de conteúdo para as mídias e a criação de uma postura enquanto figura pública,

para aqueles que enxergam as redes como uma oportunidade de divulgação de seus serviços e de inserção no mercado de trabalho. Essa realidade é mais comum aos recém-formados e graduandos e tende a continuar em ascensão, principalmente pelo benefício da facilidade no acesso à informação sobre a psicologia e no próprio estabelecimento do vínculo terapêutico. Posto isto, diante do que foi comentado na pesquisa, o modelo online é factível para todos, mesmo possuindo limitações tecnológicas e exigindo uma maior carga de estudo por parte dos profissionais. A partir da disponibilidade do terapeuta e da demanda de seus pacientes, o formato virtual pode ser uma excelente alternativa para economizar tempo e dinheiro no deslocamento, além de ser uma ferramenta útil para os dias de imprevistos na clínica presencial.

Nessa perspectiva, compreende-se a importância da Teoria da Subjetividade de González Rey, nesse cenário, na medida em que centraliza seus estudos no dialogicidade dos processos. O diálogo, como lugar de engajamento e comprometimento entre as partes e de produção de sentidos subjetivos, possibilita a existência da psicoterapia online e, até mesmo, de outros formatos ainda não idealizados. Com isso, é possível perceber que a prática psicoterápica é dinâmica e vai se alterando com o tempo, indicando a necessidade de futuros estudos na área. Assim, ressalta-se que esta pesquisa não esgota todo o tema, mas sim abre mais possibilidades de discussão.

6. REFERÊNCIAS

Anderson, G., Carlbring, P., Berger, T., Almlöv, J., & Cuijpers, P. (2009). What Makes Internet Therapy Work? *Cognitive Behaviour Therapy*, 55-60.

Bell, C., Crabtree, S., Hall, E., & Sandage, S. (2021) Research in counselling and psychotherapy post COVID-19. *Couns Psychother Res*, 21, 3-7.

Castelnuovo, G., Gaggioli, A., & Riva, G. (2001). Cyberpsychology meets clinical psychology: The emergence of e-therapy in mental health care. In G. Riva, & C. Galimberti, *Towards cyberpsychology: Mind, cognition and society in the internet age* (pp. 229-252). IOS Press.

Cogo, A. S., César, A. V., Prizanteli, C. C., Jabur, E., Hispagnol, I. G., Franco, M. H., . . . Torolho, P. R. (2015). A psicologia diante de emergências e desastres. Em M. H. Franco, *A intervenção psicológica em emergências: fundamentos para a prática* (pp. 17-60). São Paulo: Summus.

Conselho Federal de Psicologia. (2000). Resolução nº 010/00. *Especifica e qualifica a Psicoterapia como prática do Psicólogo*.

Conselho Federal de Psicologia. (2005). Resolução nº 12/2005. *Regulamenta o atendimento psicoterapêutico e outros serviços psicológicos mediados por computador e revoga a Resolução CFP N° 003/2000.*

Conselho Federal de Psicologia. (2012). Resolução nº 11/2012. *Regulamenta os serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância, o atendimento psicoterapêutico em caráter experimental e revoga a Resolução CFP N.º 12/2005.*

Conselho Federal de Psicologia. (2018). Resolução nº 11/2018. *Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP N.º 11/2012.*

Conselho Federal de Psicologia. (2020). Resolução nº 4/2020. *Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19.*

Costa, C. F., Affini, E. P., Alves, I. B., Fonseca, J. P., Biasoto, L. G., Gianini, M. M., . . . Klug, S. (2015). O atendimento psicológico em emergências: diferentes settings. Em M. H. Franco, *A intervenção psicológica em emergências: fundamentos para a prática* (pp. 105-146). São Paulo: Summus.

Day, S. X., & Schneider, P. L. (2002). Psychotherapy Using Distance Technology: A Comparison of Face-to-Face, Video, and Audio Treatment. *Journal of Counseling Psychology*, 499–503.

Fink, B. (2017). *Fundamentos da Técnica Psicanalítica: uma Abordagem Lacaniana Para Praticantes*. São Paulo: Blucher; Karnac.

González Rey, F. (2011). *Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia*. São Paulo: Cortez.

González Rey, F. (2012). Sentidos subjetivos, linguagem e sujeito: implicações epistemológicas de uma perspectiva pós-racionalista em psicoterapia. Em A. F. Holanda, *O campo das psicoterapias atuais: reflexões atuais* (pp. 47-70). Curitiba: Juruá.

González Rey, F. (2016). Advancing the Topics of Social Reality, Culture, and Subjectivity. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, 36, 175-189.

González Rey, F. (2017). Advances in Subjectivity from a Cultural-Historical Perspective: Unfoldings and Consequences for Cultural Studies Today. Em M. Fleer, F. González Rey, & N. Veresov, *Perezhivanie, Emotions and Subjectivity: Advancing Vygotsky's Legacy* (pp. 173-194). Singapore: Springer.

González Rey, F. (2019). A Epistemologia Qualitativa vinte anos depois. Em A. Mitjans Martínez, F. González Rey, & R. V. Puentes, *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: Discussões sobre Educação e Saúde* (pp. 21-46). Uberlândia: EDUFU.

González Rey, F. L., Goulart, D. M. & Bezerra, M. dos S. (2016). Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. *Educação*, 39(4), s54-s65.

González Rey, F., & Mitjás Martínez, A. (2017). *Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método*. Campinas: Alínea.

Holanda, A. F. (2012). Reflexões sobre o campo das psicoterapias: do esquecimento aos desafios contemporâneos. Em A. F. Holanda, *O campo das psicoterapias: reflexões atuais* (pp. 71-100). Curitiba: Juruá.

Liu, Q., Luo, D., Haase, J. E., Guo, Q., Wang, X. Q., Liu, S., . . . Yang, B. X. (2020). The experiences of health-care providers during the COVID-19 crisis in China: a qualitative study. *Lancet Glob Health*, pp. 790-798.

McLean, C., Back, S., Capone, C., Morland, L., Norman, S., Rauch, S., Schnurr, P., Teng, E. & Acierno, R. (2021), The Impact of COVID-19 on Psychotherapy Participation Among Individuals With Posttraumatic Stress Disorder Enrolled in Treatment Research. *Journal of Traumatic Stress*, 0, 1-6.

Ministério da Saúde. (2020). *Sobre a doença*. Fonte: Coronavírus: O que você precisa saber. <<https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/sobre-a-doenca>>.

Mitjás Martínez, A. (2020). Subjetividade Social: Desafios de um conceito. Em A. Mitjás Martínez, M. C. Tacca, & R. V. Puentes, *Teoria da Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional* (pp. 47-66). Campinas: Alínea.

Mori, V. D. (2019). A psicoterapia na perspectiva da teoria da subjetividade: a prática e a pesquisa como processos que se constituem mutuamente. Em A. Mitjás Martínez, F. González Rey, & R. Valdés Puentes, *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde* (pp. 183-201). Uberlândia: EDUFU.

Mori, V. D., & Goulart, D. M. (2019). Subject and subjectivity within psychotherapy: a case study. In F. González Rey, A. M. Martínez, & D. M. Goulart, *Subjectivity within cultural-historical approach: theory, methodology and research* (pp. 231-244). Singapore: Springer.

Sun, N., Wei, L., Shi, S., Jiao, D., Song, R., Ma, L., . . . Wang, H. (2020). A qualitative study on the psychological experience of caregivers of COVID-19 patients. *American Journal of Infection Control*, 592-598.

Toledo, A. L., Prizanteli, C. C., Polido, K. K., Franco, M. H., & Santos, S. R. (2015). A saúde emocional do psicólogo que atua em situações de emergência. Em M. H. Franco, *A intervenção psicológica em emergências: fundamentos para a prática* (pp. 147-188). São Paulo: Summus.

Weinberg, H. (2020). Online group psychotherapy: Challenges and possibilities during COVID-19—A practice review. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 24(3), 201–211.

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

“Uma Análise dos Processos Subjetivos de Psicoterapeutas Frente às Mudanças de Contexto Profissional Durante a Quarentena: Desafios contemporâneos para a Prática Profissional”

Instituição dos pesquisadores: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Pesquisadora responsável: Valéria Deusdará Mori

Pesquisador assistente: Rodrigo Prata Mendes

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado(a) a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é discutir diferentes representações da prática profissional em psicologia e seus desdobramentos na psicoterapia online. Além de compreender os limites e possibilidades da psicoterapia online e sua configuração como processo subjetivo.
- Você está sendo convidado(a) a participar por atuar como psicoterapeuta online durante a pandemia de coronavírus (covid-19).

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de entrevistas dialógicas e relatar sua experiência enquanto profissional de psicologia clínica antes e durante a pandemia.
- As falas dos participantes durante a condução do estudo serão registrados por meio de gravação de áudio, vídeo, anotações e observações.
- A pesquisa será realizada via videoconferência online, por plataforma acordada entre o(a) participante e os pesquisadores.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos psicológicos mínimos na forma de sentimentos de frustração, de confusão e de incômodo. Tais riscos estão relacionados às características da tarefa a ser realizada, que envolve um diálogo entre os pesquisadores e o(a) participante e um possível

contato com demandas internas do(a) participante.

- No entanto, medidas preventivas serão tomadas durante as entrevistas e suas gravações para minimizar qualquer risco ou incômodo, tais como a intervenção da própria pesquisadora responsável (visto que ela também é psicoterapeuta) e o encaminhamento para a clínica-escola da universidade, caso seja de necessidade do(a) participante,
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa contribuir para um maior conhecimento sobre os processos subjetivos de psicoterapeutas ao enfrentarem as mudanças no contexto profissional e os demais desafios contemporâneos da profissão.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravações, entrevistas, etc.) ficará guardado sob a responsabilidade dos pesquisadores Valéria D. Mori e Rodrigo P. Mendes, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone (61)3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____, RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de 2020.

Participante

Valéria Deusdará Mori

Rodrigo Prata Mendes